FÁBIO SORRENTINO

As merdas do mundo são tão colossais e complexas que a boca de José parece não se fechar.

Ela nos passa nenhum sinal que possa ser interpretado como uma remota vontade de retornar à sua posição de descanso. O único sinal visível, e é intencional, é estar e permanecer aberta.

Afinal, que poderia José fazer embaixo de tudo isso?

Duas horas depois, leremos em um comentário no Fitibuk a broxante impotência que José diz sentir quando pensa sobre o mundo.

Muitos o analisam como um Zé Ruela por escrever esse tipo de coisa no Fitibuk, ou por escrever qualquer coisa no Fitibuk e apertar o botão virtual que mostra suas preciosas reflexões ao mundo que é seu amigo.

O apelido de José, no Jardim de Infância (que não tinha jardim), era José Ruela.

A parte realmente interessante, que surpreendeu todos, é que José não é um completo Metsu Patso (Xingamento italiano se escrito e pronunciado corretamente). Ele pensaria, três anos após mandar vivamente o FItibuk se fuder virtualmente, uma solução para as merdas colossais e complexas que corrompem e parasitam o potencial humano.

Essas merdas parasitas são geralmente outros humanos, mas o buraco é mais em cima.

O que José aceitou é que o buraco é tão em cima que seria sufocante ficar olhando para ele, fora o torcicolo e a dor de cabeça. E todos também sabem mais ou menos como ele é, então o mais legal seria pensar na utopia humana.

Eis o que José pensou, essencialmente:

É muito arriscado tentar descrever como seria a sociedade em seus mínimos detalhes, com um leque esmagador de possibilidades infinitas.

Mas ideias, ideais, premissas, valores e sonhos, isso sim vale a pena pensar. São esses os contornos mais sensíveis da utopia, as cores de sua pintura.

Eis o que José pensou, utopicamente:

Não somos animais vivendo juntos por sobrevivência. Somos animais sociais. O indivíduo não é dual ao coletivo. Eles são transados e reciprocamente influenciados. Somos quem somos por causa da sociedade, e sem ela seríamos animais completamente diferentes.

Seria a solução voltar a um estado primitivo?

José pensou se a sociedade era ou não maligna. Pensou em como era a vida do Homo erectus, do Homo habilis ou do Homo sapiens primitivo. Pensou como poderia ser a nossa sem as merdas colossais.

Milhares de anos de mudança por um erro criativo? Valeria a pena viver para apenas satisfazer as necessidades mais básicas?

Foi a cultura humana que criou nossos sonhos, ideias e convicções. Não foram iluminação divina. Foi o social, o coletivo. Voltar ao primitivo é negar tudo isso. Negar a comunicação que conhecemos, negar o anarquismo, a utopia. É se sujeitar a relações com muito mais possibilidade de pender ao fascismo, à xenofobia, à hierarquia, à servidão. É viver 40 anos de trabalho árduo, é não poder ler Douglas Adams, Milan Kundera, não ouvir Beethoven ou Tom Zé, não sentir o vento acariciando o rosto enquanto pedala uma bicicleta.

Nossa vida não é melhor que a de um gavião, é diferente. Por quê voltar atrás se podemos seguir em frente? Porquê acabar com a diversidade humana, a diversidade de culturas e relações? Deveríamos sacrificar a diversidade de nossas sociedades em uma busca cega por relações primitivas incertas?

7 bilhões de humanos, sem a tecnologia que desenvolvemos - teórica e mecânica – causariam menos impacto ambiental?

Liberdade - o que quer que seja - Justiça, Igualdade, convivência com outros seres, só podem ser alcançados por uma sociedade humana diferente da que vivemos, mas não primitiva.

As vezes José quer ser um outro animal.

Uma sociedade sem moedas de troca. Um sistema de subsistência através de oferta e demanda é intrinsecamente excludente. Incentiva a produção do que é certo e essencial. A incerteza da inovação pode ser paga com fome. E o principal, são acordos feitos por indivíduos egoístas e desconfiados. O que José quer é coletivo, social, livre das incertezas e inseguranças de uma sociedade injusta e desigual.

As pessoas trabalhariam como trabalham. Algumas profissões inúteis, como banqueiros e advogados, desapareceriam.

O agricultor distribuiria seus alimentos para a sociedade de modo semelhante ao atual, em mercados. As pessoas entram, pegam o que querem, e levam.

A costureira exporia suas roupas em uma loja. As pessoas entram, escolhem roupas que gostam, e levam.

Os atores atuariam em filmes, escritores escreveriam, construtores construiriam, cientistas pesquisariam.

As tecnologias substituem trabalhos que ninguém quer fazer. E, se não, todos fazem um esforço coletivo de revezamento para fazer o que têm de ser feito.

E se alguém pegasse todas as comidas do mercado, sem necessidade? E se alguém levasse todas as roupas da loja? Se as pessoas não trabalhassem e vivessem do trabalho alheio (lembra alguém[s])? Se um mata o outro?

E por que fariam isso?

Não importa se o ser humano nasce bom ou mal (provavelmente neutro). É óbvio que, por sermos seres sociais, o que molda quem somos é o social. São as relações, as influências, as artes. São as instituições, a capacidade de se maravilhar.

A sociedade, com todas as suas complexidades, constrói os egoístas, os estressados, os escrotos, os criativos, os raivosos, os brutos e os sensíveis.

Se a sociedade é a expressão máxima de todos os potenciais humanos, essa sociedade não pode ser maravilhosa? Sem individualistas, imbecis, calejados e embrutecidos?

Não existem motivos para que as merdas colossais e complexas existam se cortarmos suas raízes. Sim, as merdas têm raízes. São suas fundações, o motivo de existirem.

Talvez raiz não seja o melhor.

As merdas têm alma, e se mudarmos essa alma, para algo que não anime merdas – mas coisas legais - os problemas são resolvidos.

Não conseguimos mudar essa alma pela democracia representativa, pelo capitalismo ou por fugas quaisquer. Mudamos a alma pela ação direta, pela emancipação de todos, pelos sonhos de uma vida sem merdas, sem escrotisses.

Temos que acreditar que é possível que todos vivam como querem viver, que as pessoas sejam felizes e dediquem suas vidas às suas paixões, àquilo que as dá prazer, que possibilita o desenvolvimento de cada um.

É esse o individualismo na sociedade. O indivíduo se liberta quando a sociedade se liberta. A separação dos dois só nos levará a frustrações, só nos distancia da Utopia Humana.

Depois de pensar tudo isso, José foi ao bar e bebeu cerveja de milho com três de seus amigos. Voltou para casa, dormiu e acordou ao amanhecer de uma quinta feira.

O que será de José, não consigo enxergar.

Esperemos que não caia.